



Antonio Joel Lima da Silva*

RESUMO

O objetivo deste artigo é descrever como Heidegger desobstrui a questão do sentido do ser em geral ao retomá-la em Ser e Tempo. Nesse sentido, tem-se dois momentos: 1) demonstrar como a questão do ser caiu em esquecimento na ontologia antiga, uma vez que a tradição metafísica atribuiu à questão os conceitos de universalidade, indefinibilidade e de auto-evidência, emudecendo-a enquanto questão-problema; 2) descrever o processo heideggeriano de formalização da questão, ou seja: demonstrar-se-á como Heidegger recoloca a questão direcionando-a ao Dasein, já que para Heidegger analisar existencialmente o modo de ser deste ente é empreender originariamente a questão do sentido do ser em geral.

Palavras-chave: Dasein. Universalidade. Sentido do ser.

Heidegger and the forgetting of being and the resumption of the question of the meaning of being in general

ABSTRACT

The purpose of this article is to describe how Heidegger unblocks the question of the meaning of being in general by taking it up again, in Being and Time. In this sense, there are two moments: 1) to demonstrate how the question of being fell into oblivion in ancient ontology, since the metaphysical tradition attributed to the question the concepts of universality, indefinability and self-evidence, while muting the question problem. And 2) describe the Heideggerian process of formalizing the question, that is: it will be shown how Heidegger puts the question back by directing it to Dasein. Since, for Heidegger, the existential way of being this entity is to undertake originally the question of the meaning of being in general.

Keywords: Dasein. Universality. Sense of being.

Heidegger e o esquecimento do ser e a retomada da questão do sentido do ser em geral

1 Introdução

O objetivo deste artigo é descrever como Heidegger desobstrui a questão do sentido do ser em geral ao retomá-la em *Ser e Tempo*. Nesse sentido, tem-se dois momentos: 1) demonstrar como a questão do ser caiu em esquecimento na ontologia antiga, uma vez que a tradição metafísica atribuiu à questão os conceitos de universalidade, indefinibilidade e de auto-evidência, emudecendo-a enquanto questão-problema. Nesse caso, demonstra-se como Heidegger desconstrói tais conceitos (de universalidade, indefinibilidade e auto-evidência) a partir de seu movimento (crítico) fenomenológico-hermenêutico, que descreve como tais atribuições não passam de equívocos conceituais gerados pela falta de uma autêntica problematização da questão do ser em geral.

Em suma, para Heidegger, toda a tradição metafísica confundiu-se ao tentar explicar o ser, ou seja, o erro da tradição foi justamente atribuir um aspecto de ente ao ser e a partir daí explicá-lo, como se o ser fosse mais um ente passível de explicações ou de ser mostrado. Consequentemente, para Heidegger, a questão estava mal colocada e, por essa razão, necessitava de uma adequada formalização. E, por isso, o filósofo redireciona a questão para o ente a que a questão do ser interessa, uma vez que este ente seria aquele que a formula e, portanto, possui a primazia sobre a questão. Este ente é o *Dasein*.

Posto isso, o segundo momento deste artigo busca descrever o processo heideggeriano de formalização da questão, ou seja: demonstrar-se-á como Heidegger recoloca a questão direcionando-a ao *Dasein*, já que para Heidegger analisar existencialmente o modo de ser deste ente é empreender originariamente a questão do sentido do ser em geral. Isso pressuposto, deve-se ter em mente que busca-se aqui apenas descrever o percurso que Heidegger traça para desobstruir o caminho, ou o horizonte que possibilita não apenas a recolocação da questão do ser, mas, sobretudo, a sua problematização enquanto questão fundadora da própria filosofia.

2 O retorno à questão do ser (*Seinsfrage*)

Um dos principais objetivos de Heidegger em *Ser e Tempo* é a recolocação ou o reexame da questão do sentido do ser em geral. Esta, com certeza, é uma tarefa sem precedentes dentro do pensamento do autor. Pensando nisso, o caminho deste trabalho perpassa a necessidade de se demonstrar como, fenomenologicamente, Heidegger reelabora a questão do ser em geral criticando a ontologia antiga, já que se “tal tarefa se impõe como função primordial da ontologia, é porque a questão do ser foi esquecida” (ZUBEN, 2011, p. 86).

Nesse caso, para compreendermos como Heidegger volta à questão do ser é necessário atentarmos, de antemão, para o seguinte fato: segundo o filósofo, o *Dasein* herda da tradição um legado histórico que o impede de compreender-se enquanto ser-no-mundo e, conseqüentemente, de efetuar com êxito a questão do sentido do ser em geral. Sendo assim, pode-se dizer que o *Dasein* é um ser histórico e, como tal, sua maneira de interpretar a si mesmo e aos fenômenos está intrinsecamente alicerçada nos moldes da tradição e nos preconceitos que tornaram a questão do ser em geral dispensável, conforme diz Heidegger (2005, p. 28) em ST¹:

No início desta investigação não se pode discutir em detalhes os preconceitos que, sempre de novo, plantam e alimentam a dispensa de um questionamento do ser. Eles encontram suas raízes na própria ontologia antiga. Esta, por sua vez, pode apenas ser interpretada – quanto ao fundamento de onde brotam os conceitos e quanto à adequação das justificativas propostas para as categorias e sua completude – esclarecendo-se e respondendo a questão do ser.

Nessa perspectiva, entende-se que, para Heidegger, é impossível responder à questão do ser dentro dos parâmetros epistemológicos da ontologia antiga, pois esta representa um legado histórico preconceituoso que compromete e impossibilita ao homem lograr uma autêntica compreensão de si e do mundo. Da mesma forma, também, toda base ontológica/conceitual que se fundou na pergunta acerca do ser dos entes está comprometida – de alguma maneira – pelo legado deixado ao homem pela ontologia antiga, que é caracterizada pelo esquecimento

¹ Adotaremos a sigla “ST” para fazer referência à obra máxima de Heidegger: *Ser e Tempo*.

do ser e que tem como principal sintoma, segundo Heidegger (2005, p. 28), “ter em vista o ente em detrimento do ser.”

Apesar disso, Heidegger diz que a ontologia antiga deve servir apenas como base interpretativa para ser recolocada, de maneira adequada, a questão do ser. Com isso, Heidegger deixa claro que a questão do ser precisa de resposta, entretanto, não se deve respondê-la a partir do modo em que ela foi problematizada pela tradição filosófica, pois, na tradição, o questionamento do ser tornou-se dispensável (ZUBEN, 2001, p. 86), denotando, desse modo, uma errônea sensação de resolução da questão, principalmente, quando, na ontologia antiga, foi atribuído à questão do ser uma definição universal e vazia, assim como pode-se observar:

Embora em nosso tempo se arrogue o processo de afirma novamente a “metafísica”, a questão aqui evocada caiu no esquecimento. E, não obstante, nós nos consideramos dispensados dos esforços para desenvolver novamente uma *gigantomakhia peri ousias*. A questão referida não é, na verdade, uma questão qualquer. Foi ela que deu folego às pesquisas de Platão e Aristóteles para depois emudecer como questão temática de uma real investigação. O que ambos conquistaram manteve-se em muitas distorções e “recauchutagens”, até à Lógica de Hegel. E o que outrora, num supremo esforço de pensamento, se arrancou os fenômenos, encontra-se, de muito trivializada (HEIDEGGER, 1927/2005, p. 27).

Nesse sentido, compreende-se que a problemática intrínseca à questão do ser na tradição metafísica – o esquecimento do ser – é o que impulsionou Heidegger a buscar, a partir da crítica à tradição metafísica, a recolocação desta questão, que de Platão a Hegel não obteve avanços significativos e acabou sendo trivializada e esquecida, tornando-se um legado histórico fundamentado no esquecimento da diferença entre ser e ente. Assim, aquela que outrora era considerada a questão filosófica principal, tornou-se obsoleta (HEIDEGGER, 1927/2005, p. 27).

Desse modo, o esquecimento do ser implica diretamente na maneira como o *Dasein* compreende o mundo e os fenômenos, resultando, então, no ocultamento da condição prévia de compreensão da existência dos fenômenos mundanos e do próprio homem, enquanto *Dasein*. Em suma, o legado da tradição metafísica impossibilita ao homem a abertura do horizonte de compreensão originário de si e dos fenômenos. E isso acontece justamente porque, na tradição, a busca pelo ser

é comprometida/esquecida pela objetivação metafísica, como afirma Cezar Luiz Seibt (2017, p. 339-350):

Metafísica é um modo de compreender o mundo a partir do modo de ser dos objetos disponíveis e enquadrados numa lógica linear e que permite controle e previsibilidade de tudo. Por isso Heidegger pretende e considera necessário retomar o sentido do ser, o que implica na desconstrução da metafísica, para acessar o que ela oculta. O ser é o que escapa, se recusa, se esconde, que foi esquecido, mas que mesmo assim é fundamental por ser a condição prévia para que as realidades ou entes sejam o que são. Como na metafísica atentamos somente para os objetos e esquecemos a abertura ou horizonte que os torna possíveis, há que exercitar um retorno para além dos entes, na direção do seu solo prévio, pré-teórico, que é a compreensão do ser.

Para Seibt, o modo como o homem se compreende na metafísica tradicional está comprometido pela sua errônea compreensão de mundo. Já que mundo, metafisicamente, não faz parte do modo de ser do *Dasein*, então é visto, assim como todos os objetos que nele estão, de modo linear e manuseável. Dessa forma, pode-se dizer que na metafísica o homem existe separado das coisas, como se ele fosse um sujeito que apenas observa tudo, manipula tudo, mas que nunca está junto às coisas, fazendo parte delas ou delas dele.

Na metafísica, então, há uma dicotomia entre sujeito e mundo e, segundo Seibt (2017), toda teorização do que é a vida, o mundo, os fenômenos e o homem está embasada nessa concepção epistemológica, conforme segue:

Normalmente e tradicionalmente o fenômeno do conhecimento é entendido como relação entre os dois pólos do sujeito e do objeto (cf. Hessen, 1980), instaurando uma dicotomia entre mente e mundo, sobretudo a partir da modernidade, o que irá exigir e produzir diversas teorias que terão o propósito de servir de ponte entre estes dois extremos separados, precisam de algum vínculo que permita o conhecimento do mundo externo por parte da mente (SEIBT, 2017, p. 340-341).

Como pode-se observar, o legado da tradição impossibilita ao homem que se compreenda; por esse motivo, Heidegger propõe, no § 6 de ST, a desconstrução do legado imposto pela tradição ao ser-aí, empreendendo, dessa forma, o que ele mesmo chama de “passo de volta”, que significa voltar ao pensamento tradicional filosófico e estabelecer um diálogo com as fontes ontológicas tradicionais que constituíram a compreensão conceitual/identitária e mundana do homem (HEIDEGGER, 1996). Além de significar, também, a retomada da questão principal

de todo o pensamento ocidental, qual seja, a questão do sentido do ser em geral (*seinsfrage*) (HEIDEGGER, 2005, p. 27).

A partir disso, deve-se, agora, pôr em discussão a maneira como Heidegger volta – não a um sistema de pensamento da tradição, mas à questão que, segundo o próprio filósofo, movimentou todos os esforços ontológicos/investigativos do pensamento filosófico tradicional. No intuito, assim, de compreender como Heidegger não apenas “volta” à questão do ser, mas como ele a recoloca de tal modo que esse empreendimento resulta na abertura do horizonte da compreensão das estruturas existenciais do *Dasein*.

Por conseguinte, voltar à questão do ser não é apenas retomá-la tal como se deu na ontologia antiga, mas a importância de retornar à questão significa investigar a constituição da própria Filosofia. Ou seja, investigar a origem da questão do ser é voltar às origens ontológicas da Filosofia, pois, para Heidegger, a Filosofia é grega em sua essência e, por isso, ela remonta ao pensamento grego, que por sua vez caracteriza-se, filosoficamente, como o “espanto” acerca da totalidade do ser:

Todo ente é no ser. Ouvir tal coisa soa de modo trivial em nosso ouvido, quando não de modo ofensivo. Pois, pelo fato de o ente ter seu lugar no ser, ninguém precisa preocupar-se. Todo mundo sabe: ente é aquilo que é. Qual a outra solução para o ente a não ser esta: ser? E entretanto: precisamente isto, que o ente permaneça recolhido o ser, que o fenômeno do ser se manifesta no ente: isto jogava os gregos, e a eles primeiro e unicamente, no espanto. Ente no ser: isto se tornou para os gregos o mais espantoso (HEIDEGGER, 1996, p. 215).

Esta passagem (do texto *Que é isto – A Filosofia?*) retrata o modo como Heidegger responde à pergunta: o que é a Filosofia? Em seu percurso hermenêutico, ele elucida como, de certa forma, a Filosofia nasce do “espanto” dos gregos acerca da questão do ente que se recolhe no ser. Nesse caso, pode-se considerar que a Filosofia nasce no ato do questionamento grego acerca do ser dos entes e, nesse sentido, ela pode ser entendida como a correspondência entre ser e ente. Em outras palavras: perguntar pelo ser dos entes é empreender, intrinsecamente, uma questão grega.

Dessa forma, o ato de perguntar pelo que alguma coisa é, ou perguntar pelo que é o ente em sua totalidade não significa outra coisa senão a própria lógica do pensamento grego em sua vigência e potência, assim como diz Heidegger:

Sempre se deve determinar novamente aquilo que é questionado através do fio condutor que representa o *ti*, o *quid*, o “que”. Em todo caso, quando, referindo-nos à filosofia, perguntamos: que é isto? Levantamos uma questão originalmente grega (HEIDEGGER, 1996, p. 213).

Com isso, fica claro que retornar à questão do ser em geral, não significa apenas retornar ao pensamento grego como tal, mas é, sobretudo, pensar a constituição da própria filosofia que, por sua vez, só pode ser pensada como a maneira grega/ontológica de se perguntar pelo ser dos entes. Sendo assim, se a filosofia significa, em sua essência grega, questionar o ser dos entes, tem-se, então, o indício de que todos os sistemas de pensamento tradicionais, enquanto “filosofias”, ainda encontravam-se, cada um à sua maneira, envolvidos numa busca pelo ser dos entes, bem como diz Benedito Nunes (2017, p. 19):

[...] a verdade do ser, que dimensiona cada época, interpretando, porém, sob diversas modalidades, o ser como ente: *eidos* (Platão), *ousia* (Aristóteles), *pensamento* (Descartes), *espírito* (Hegel), *vontade de potência* (Nietzsche). O ente toma, pois, o lugar do ser, com o que se afirma a dominância da Metafísica na história do Ocidente.

A partir da perspectiva de Nunes (2017) acerca da história do ser, entende-se que até mesmo os grandes filósofos da história da filosofia no Ocidente, apesar de ainda estarem buscando o ser dos entes, o faziam sob pressupostos tradicionais que atribuíam características de universalidade, indefinibilidade e de auto-evidência ao ser. Tais pressupostos são considerados provas indubitáveis do esquecimento do ser em função do ente, uma vez que, segundo Nunes (2017), as investigações de cada pensador, na verdade, eram tentativas de explicar o ser sob diversas modalidades.

Sendo assim, isso corrobora com a proposição de Heidegger (2005) em ST, quando diz que a questão filosófica fundamental do ser não passou por avanços consideráveis durante toda história do pensamento ocidental. O que aconteceu com a questão do ser, segundo Heidegger, foram “recauchutagens” que em nada contribuíram – em termos de compreensão – para o desenvolvimento da questão

que, essencialmente, ainda continuava firmada no esquecimento do ser (HEIDEGGER, 2005, p. 27).

Conseqüentemente, deve-se, nesse momento, buscar compreender, a partir dos primeiros parágrafos de ST, como a definição de universalidade engendrada e atribuída ao ser na metafísica tradicional está totalmente relacionada com o esquecimento da diferença ontológica entre ser e ente que imprime à questão do ser um sentido emudecedor. Isto é, a partir dos preconceitos atribuídos ao ser na ontologia antiga, passou-se a pensar que sobre o ser nada mais precisava ser levantado.

Heidegger (2005, p. 29), contudo, diz: “[q]uando se diz, portanto: ‘ser’ é o conceito mais universal, isso não pode significar que o conceito de ser seja o mais claro e que não necessita de qualquer discussão ulterior. Ao contrário, o conceito de ‘ser’ é o mais obscuro”, e sua obscuridade realça a necessidade de se voltar à questão do ser, ou seja, o ser ainda requer e precisa ser posto em discussão, pois sua obscuridade não significa o limite das investigações: ao contrário, reafirma a necessidade de esclarecê-lo.

Desse modo, Heidegger inicia, no § 1 de ST, uma discussão que tem como finalidade recolocar a questão do ser em geral à luz da fenomenologia. Por isso, lança um olhar fenomenológico sobre o conceito tradicional do ser e sua máxima universalidade:

O conceito do ser é indefinível. Essa é a conclusão tirada de sua máxima universalidade. E com razão se *definitivo fit per genus proximum et differentiam specificam*. De fato, o “ser” não pode ser concebido como um ente; *enti non additur aliqua natura*: o ser não pode ser determinado acrescentando-lhe um ente. Não se pode derivar o ser no sentido de uma definição a partir de conceitos nem explicitá-lo através de conceitos inferiores (HEIDEGGER, 2005, p. 29).

Esta passagem retrata o centro da discussão empreendida nesta seção: o esquecimento do ser e a retomada da questão do sentido do ser em geral. Dessa forma, quando Heidegger diz que não se pode determinar o ser simplesmente acrescentando-lhe um ente, ele está, sobretudo, criticando a maneira como a ontologia antiga tratou a própria questão do ser, pois, a partir desse modo de tratamento – que tenta explicar o ser através do ente, atribuindo-lhe conceitos

generalizados – acaba, antes de mais nada, promovendo a “entilização” ou positivação do ser.

Assim, entende-se que Heidegger, para recolocar a questão do ser, empreende – como visto anteriormente – um duplo movimento de “desconstrução” e “ressignificação” dos pressupostos que tornaram o questionamento sobre o ser trivial, além de atribuir ao ser um sentido universal, indefinível e evidente. Bem como diz Jaderson Silva (2013, p. 18):

A formulação adequada do que Heidegger entende como a questão central da filosofia possui uma peculiaridade própria, que distingue o questionamento ontológico de Heidegger de toda a tradição que o antecede. De modo a justificar a necessidade de uma reformulação da questão, bem como a desobstruir o acesso ao que Heidegger entende como a maneira adequada de pôr novamente a questão pelo ser, o §1 de ST parte de um exame crítico preliminar de três pressupostos tradicionais que estariam na base da omissão histórica de uma tematização adequada da questão ontológica, a saber: 1) 'ser' é o conceito “mais universal e vazio”; 2) “o ser é indefinível”; 3) “o ser é um conceito evidente por si mesmo”.

Portanto, a reformulação da questão do ser empreendida por Heidegger significa, na perspectiva de Silva (2013), uma desobstrução da própria questão, principalmente a partir da crítica feita por Heidegger no § 1 de ST aos preconceitos impostos à questão filosófica fundamental (*seinsfrage*) que se tornou inacessível a ponto de ser esquecida e considerada um tema batido e, até mesmo, um erro metodológico de quem ousasse empreender qualquer pesquisa que tivesse como objeto de investigação o sentido do ser em geral (HEIDEGGER, 2005, p. 28). Ainda assim, o que se tem até aqui é o esclarecimento de duas coisas: 1) como se deu o esquecimento do ser na ontologia antiga e 2) como Heidegger aponta o caminho para a sua desobstrução. Ou seja, o caminho está aberto para que a questão seja repostada, já que a crítica aos conceitos universais do ser foram deixados de lado. Nesse sentido, deve-se agora demonstrar como Heidegger recoloca a questão.

3 A compreensão mediana do ser e a analítica existencial do *Dasein* como ponto de partida para a recolocação da questão do ser em geral

No § 2 de ST, Heidegger expõe a estrutura formal que define como ele tratará a questão do ser. Isso significa que após a desobstrução da questão do ser feita a partir da crítica aos pressupostos tradicionais no § 1 de ST, deve-se, agora, formalizar a estrutura em que a investigação se sustentará, uma vez que qualquer investigação, enquanto um questionário, precisa seguir uma estrutura que lhe conceda um questionamento originário, conforme segue:

Todo questionamento é uma procura. Toda procura retira do procurado sua direção prévia. Questionar é procurar cientemente o ente naquilo que ele é e como ele é. A procura ciente pode transforma-se em “investigação” se o que se questiona for determinado de maneira libertadora. O questionamento enquanto “questionamento de alguma coisa” possui um questionado. Todo questionamento de... é, de algum modo, um interrogatório acerca de... Além do questionado, pertence ao questionamento um *interrogado*. Na investigação, isto é, na questão especificamente teórica, deve-se determinar e chegar a conceber o questionado. No questionado, reside, pois, o *perguntado*, enquanto o que propriamente se intenciona, aquilo em que o questionamento alcança sua meta (HEIDEGGER, 2005, p. 30).

Estes apontamentos indicam, com exatidão, aquilo que Heidegger entende como estrutura formal de qualquer questionamento e, sendo assim, deve-se seguir este arcabouço teórico para que se entenda do que trata toda e qualquer investigação. Para Heidegger, portanto, uma procura que se dá de modo ciente torna-se uma investigação, e toda investigação ciente precisa de uma orientação prévia: isto é, quando se questiona cientemente, necessariamente, está-se questionando sobre algo ou alguma coisa. Este algo que está sendo questionado, ao mesmo tempo que condiciona e eleva o questionamento ao nível de investigação é, também, o interrogado/referencial da questão.

Dessa forma, a estrutura formal de qualquer questionamento, segundo Heidegger, diz que este é um interrogatório de alguma coisa, ou seja, se é um interrogatório, possui, necessariamente, um interrogado que servirá de orientação prévia para o desenvolvimento da questão. Nesse sentido, é pertinente analisarmos as seguintes palavras:

Segundo esta estrutura, todo perguntar, na medida em que se concretiza como busca, sempre recebe uma prévia orientação fornecida a partir daquilo que é buscado. Além disso, todo perguntar é sempre um perguntar por, o que implica que todo perguntar possui sempre algo posto em questão (sein Gefragtes). Mais ainda, todo perguntar também é um interrogar a, sempre possuindo, então, o seu respectivo interrogado (sein Befragtes). Finalmente, em tudo que é posto em questão, há sempre aquilo que é o perguntado (das Erfragte), enquanto meta a que se dirige o questionamento (SILVA, 2013, p. 21).

Nessa perspectiva, a questão do ser, enquanto um questionamento, necessita de um perguntado para guiar, de maneira segura e ciente, o questionamento pelos caminhos de uma autêntica investigação.

O perguntado, no caso da questão do ser, é o próprio ser. Porém, se o ser é o perguntado nessa questão, como burlar os pressupostos tradicionais que impossibilitam o seu questionamento, representados pela obscuridade (universalidade, indefinibilidade e auto-evidência) atribuída ao ser na ontologia antiga? Heidegger diz, no § 2 de ST, que apesar da obscuridade do ser, uma compreensão mediana sobre o ser, ou o seu sentido, já nos está disponível e deve servir como possível orientação prévia para o questionamento do ser:

Enquanto procura, o questionamento necessita de uma orientação prévia do procurado. Para isso, o sentido do ser já nos deve estar, de alguma maneira, disponível. Já se aludiu: nós nos movemos sempre em uma compreensão do ser. É dela que brota a questão explícita do sentido do ser e a tendência para o seu conceito. Nós não sabemos o que diz “ser”. Mas quando já nos perguntamos o que diz “ser” nós nos mantemos numa compreensão do “é”, sem que possamos fixar conceitualmente o que significa esse “é”. Nós nem sequer conhecemos o horizonte em que poderíamos apreender e fixar-lhe o sentido (HEIDEGGER, 2005, p. 31).

Essa compreensão mediana do ser, apesar de não nos dar um esclarecimento do que ele é, vai muito além de um acontecimento verbal; ela pode significar o fio condutor que, ao servir como orientação prévia, possibilite o entendimento do sentido do ser, ainda que medianamente, a partir do verbo “é”. Isso acontece porque, para Heidegger, quando perguntamos pelo que “é” alguma coisa, já estamos dentro de uma compreensão mediana do ser, mas essa compreensão não é o suficiente para que se esclareça a questão do ser: ao contrário, apenas representa uma indicação e/ou uma orientação para o seu questionamento.

Um exemplo da compreensão mediana do ser é dada por Heidegger a partir da proposição: “o céu é azul” (HEIDEGGER, 2005, p. 29). Assim, quando afirmamos que o céu é azul, sabemos de imediato o que significa a palavra céu e, da mesma forma, sabemos o significado da palavra azul, porém, o que significa o “é”? As classes gramaticais dizem que o “é” é um verbo de ligação que une sujeito e predicado, mas isso não explica o que é o “é”, e não explica o porquê deste verbo nos colocar, de imediato, numa compreensão mediana do ser, pois, enquanto se tenta explicar alguma coisa utilizando o verbo “é”, logo percebe-se que uma série de outras perguntas surgem em função da primeira. Ou seja, se o que se quer saber é o que é o azul do céu e, ao se analisar a palavra azul, entendermos que azul é uma cor, e com isso concluirmos que essa é a cor do céu, então, necessariamente, deve-se explicar o que é uma cor.

E, da mesma forma, se tentarmos explicar o que é uma cor dizendo que cor é um tom cromático, então, deve-se explicar, também, o que é tom e o que é cromático; e, assim, segue-se de maneira sucessiva contando histórias, como o próprio Heidegger define essas tentativas de explicar o que uma coisa é através de outras coisas. Sendo assim, ao mesmo tempo, essas tentativas nos colocam em uma mediana compreensão do ser e confirmam a proposição heideggeriana de que, na tradição metafísica, a própria pergunta pelo ser ocasionou o seu esquecimento, já que ser diz sempre ser o ser de um ente e, por isso, a tradição sempre evocou entes para tentar explicar o que é o ser. Em outras palavras: na tradição metafísica, a pergunta pelo ser nunca ultrapassou a mediana compreensão do ser, e orientar um questionário apenas pela mediana compreensão do ser, isto é, pelo “é”, sempre requererá um ente diferente do primeiro que foi explicado para explicar o que este ente é (HEIDEGGER, 2005, p. 31).

Essa maneira de perguntar sobre o que “é” os entes, apesar de significar o sentido mediano do ser, remete-nos diretamente à obscuridade do ser, uma vez que, segundo Heidegger, o ente é o que é e, nesse sentido, o ser só pode ser o ser de um ente. Por essa razão, a compreensão mediana do ser não pode significar o sentido originário do ser, tal como pretendido por Heidegger, pelo menos não enquanto ainda significar o sentido que determina o ente, pois dizer o que é um ente significa atribuir ao ser uma condição de ente. Ou seja, só compreendemos imediatamente que o céu é azul justamente pelo verbo “é”, e isso significa que, a

partir dessa forma de compreensão, ainda não se liberou um horizonte que possibilite uma originária compreensão do ser.

Desse modo, para que uma compreensão originária do sentido do ser seja liberada, Heidegger busca interrogar o ser presente na mediana da compreensão que ao *Dasein* é apresentado sempre e em qualquer afirmação acerca do ente, que diz: se “é” sempre determina uma compreensão do ente, e todo ser sempre é o ser de um ente, logo, o primeiro passo para que se logre um horizonte de compreensão do sentido do ser está, segundo Heidegger, não em explicar o que seria esse “é” ou em contar “histórias”, mas em interrogar o ente a quem o ser se apresenta enquanto questão. Isso significa que existe um ente privilegiado que deve figurar como o perguntado desta questão filosófica fundamental:

Na medida em que o ser constitui o questionado o ser diz sempre o ser de um ente, o que resulta como interrogado na questão do ser é o próprio ente. Este é como que interrogado em seu próprio ser. [...] Chamamos de “ente” muitas coisas e em sentidos diversos. Ente é tudo de que falamos, tudo que entendemos, com que nos comportamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos. Ser está naquilo que é e como é, [...] Em qual dos entes deve-se ler o sentido do ser? De que ente deve partir a saída para o ser? O ponto de partida é arbitrário ou será que um determinado ente possui primazia na elaboração da questão do ser? Qual é este ente exemplar e em que sentido possui ele uma primazia? (HEIDEGGER, 2005, p. 32).

Questionar o ser, neste momento da discussão, significa questionar o ser de um determinado ente ou o sentido de como esse ente é e acontece. Porém, se qualquer coisa que está em nosso campo de compreensão pode ser considerada um ente, conforme nos diz Heidegger, então seria possível existir um ente específico que possua condições privilegiadas e que permitiria que a questão do ser pudesse ser elaborada de forma adequada a ponto de ser liberado o horizonte que possibilite a resposta da questão fundamental da Filosofia? A resposta é sim, e esse ente é o *Dasein*.

Para Heidegger, o fato de que é próprio ao *Dasein* o ato de perguntar sobre o que é o ser dos entes, e de buscar compreendê-los, significa um indicativo explícito de que ele é o ente que possui a primazia na questão do ser. Isto é, o *Dasein* é o ente para quem a pergunta pelo ser interessa, e por isso deve ser o ente exemplar nesta questão, como Heidegger esclarece a seguir:

Caso a questão do ser deva ser colocada explicitamente e desdobrada em toda a transparência de si mesma, sua elaboração exige, de acordo com as explicitações feitas até aqui, a explicação da maneira de visualizar o ser, de compreender e apreender conceitualmente o sentido, a preparação da possibilidade de uma escolha correta de um ente exemplar, a elaboração do modo genuíno de acesso a esse ente. Ora, visualizar, compreender escolher, aceder [...] são atitudes constitutivas do questionamento e, ao mesmo tempo, modos de ser de um determinado ente, *daquela* ente que nós mesmos somos, os que questionam, sempre somos. Elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente – o que questiona – em seu ser. Como modo de *ser* de um ente, o questionamento dessa questão se acha essencialmente determinado pelo que nela se questiona – pelo ser. Esse ente que cada um de nós somos e que, entre outras, possui em seu ser a possibilidade de questionar, nós designamos com o termo *pre-sença*. A colocação explícita e transparente da questão sobre o sentido do ser requer uma explicação prévia e adequada de um ente no tocante de seu ser (HEIDEGGER, 2005, p. 33).

Todos os apontamentos de Heidegger dizem que é necessário – para que se elabore a questão do ser de maneira segura – tornar transparente um ente. E, sendo a questão do ser um caminho compreensivo daquele ente a quem a questão interessa, e que, a partir de sua estrutura ontológica, pode-se, enfim, recolocar a questão do ser de forma adequada, devemos, portanto, considerar que, anteriormente, o *Dasein* foi apontado por Heidegger como o ente exemplar desta questão e, com isso, determinou-se que questionar o ser deste ente, que nós mesmos somos é, de fato, empreender uma autêntica investigação ontológica sobre o ser.

Assim, uma vez que se determinou o direcionamento da questão, apontando o ente exemplar a quem a própria questão faz referência, burlou-se o “círculo vicioso” que Heidegger chama de contar “histórias”. Então, está, enfim, desobstruído o caminho interrogativo da questão do ser em geral, que deve perpassar pela analítica existencial do ente *Dasein* e culminar no fenômeno da temporalidade e da historicidade. Nesse caso, é necessário lembrar que o objetivo deste trabalho é tão somente apontar como Heidegger desobstrui o caminho da questão do ser, logo, as temáticas da analítica existencial, da temporalidade e historicidade servem aqui apenas de apoio compreensivo para afirmar que a questão do sentido do ser se torna totalmente possível como uma abertura para analisar ontológico-existencialmente o ser do ente a quem a questão interessa, i.e., o ser do *Dasein*.

Considerações Finais

Este artigo buscou descrever como Heidegger retoma a questão do sentido do ser em geral em *Ser e Tempo*. Sendo assim, partiu-se da exposição dos preconceitos de universalidade, indefinibilidade e auto-evidência atribuídos ao ser na ontologia antiga, demonstrando como tais preconceitos obstruíram e emudeceram a questão do ser, caracterizando, assim, aquilo que Heidegger nomeia como o esquecimento do ser pela tradição metafísica.

Nesse sentido, tentou-se demonstrar que o retorno da questão ou a recolocação dela só seria possível mediante a desconstrução dos preconceitos que a metafísica tradicional atribui ao ser. E, nesse caso, foi necessário trazer ao debate aspectos constituintes da metafísica, que ficou descrita como um legado histórico deixado ao *Dasein*, legado esse que, segundo Heidegger, impossibilitou ao homem lograr uma autêntica compreensão de si e do mundo. Na metafísica, o homem compreendia a si mesmo de maneira exterior ao mundo, isto é, a compreensão de mundo se dava de maneira separada da compreensão do que o homem é. Sendo assim, Heidegger propõe a desconstrução desse legado metafísico ao começar pela desobstrução da questão do ser. E desobstruir a questão do ser é, intrinsecamente, desconstruir os preconceitos de universalidade, indefinibilidade e auto-evidência atribuídos ao ser na tradição metafísica.

O outro momento deste artigo consistiu na formalização da questão do ser. Nesse caso, Heidegger diz que uma maneira de compreendermos o que o ser é já se faz disponível na compreensão mediana da própria pergunta pelo ser de alguma coisa, mas que não se deve estagnar na mediana compreensão do ser, e sim buscar compreendê-lo ao direcionar a pergunta para quem a formula, ou seja, para aquele ente na qual a própria questão do ser faz sentido: ao *Dasein*.

Nesse sentido, o *Dasein* passa a ser o ente a quem o ser se manifesta e a quem a pergunta pelo ser das coisas ganha sentido. Logo, a questão do ser deixa de ser um erro metodológico e passa a ser novamente a questão fomentadora e norteadora da filosofia a partir do redirecionamento da pergunta do ser, que deixa de perguntar o que é o céu para indagar como se dá o acontecer existencial do *Dasein*. Ou seja, a analítica dos existenciais do *Dasein* torna a pergunta pelo ser autêntica.

Referências

ARAÚJO, Paulo Afonso. A questão do ser em geral em *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger. **Revista Ética e Filosofia Política**, v. 2, n. 16, 2013, p. 50-64.

HEIDEGGER, Martin. **Identidade e diferença** [1957]. Conferências e escritos filosóficos. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os pensadores).

HEIDEGGER, Martin. **Que é isto – a Filosofia?** [1956]. Conferências e escritos filosóficos. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural. 1996. (Coleção Os pensadores).

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Marcia Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

NUNES, Benedito. **Heidegger**. São Paulo: Loyola, 2017.

SEIBT, Cezar Luís. Sobre o conhecimento na tradição e em Heidegger. **Kalagatos**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 339-350, 2017.

SILVA, Jaderson Oliveira da *et. al.* **Heidegger e Kant: o projeto ontológico de Ser e Tempo e a interpretação fenomenológica da Crítica da Razão Pura**. 2013. 106p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

ZUBEN, Newton Aquiles von. A Fenomenologia como retorno à ontologia em Martin Heidegger. **Trans/formação**, Marília, v. 34, n. 2, p. 85-102, 2011.

Recebido em: 19.04.2022.
Aprovado em: 18.08.2022.